

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 07 de abril de 2025 às 07h55
Seleção de Notícias

Terra - Notícias | BR

Pirataria

5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima	3
--	---

O Globo Online | BR

07 de abril de 2025 | Pirataria

Meta é denunciada pelo uso de milhões de livros sem permissão para treinar inteligência artificial	8
<small>DANIEL GIGENA</small>	

BOL - Notícias | BR

07 de abril de 2025 | Marco regulatório | INPI

'Chanel me processou pelo nome da minha loja', diz empresária do DF	10
<small>NOTÍCIAS 512051</small>	

5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima



A BBC reuniu cinco princípios práticos para se ter em mente ao observar as controvérsias futuras. São cinco regras básicas para identificar obras de arte falsas

As **falsificações** estão em toda parte: fake news, deep fakes, fraudes de identidade.

O fenômeno das ilusões digitais vem crescendo cada vez mais, com o desenvolvimento da inteligência artificial. Estamos tão mergulhados nesta cultura que fica fácil imaginar que a **falsificação** seria uma invenção de alta tecnologia da era digital.

O que você acha do Terra? Responda a nossa pesquisa, é rápido! Responder

Mas observamos recentemente a descoberta de um elaborado ateliê de **falsificação** de arte em Roma, na Itália - certamente criado sem o uso de alta tecnologia.

Isso sem falar na surpreendente acusação de que uma apreciada obra-prima barroca do acervo da Galeria Nacional de Londres seria uma imitação grosseira de um original que foi perdido.

Estas revelações nos lembram que a **falsificação** de obras no mundo da arte tem uma longa história comprovada. E ela não foi escrita de forma binária por computador, mas com pigmentos impossíveis, pin-

celadas desajeitadas e assinaturas suspeitas.

A fraude e a **falsificação** de obras de arte, portanto, não são nenhuma novidade.

No dia 19 de fevereiro, o Comando Carabinieri de Proteção do Patrimônio Cultural da Itália descobriu uma operação clandestina de **falsificação** em um bairro no norte de Roma.

As autoridades confiscaram mais de 70 obras de arte falsificadas, atribuídas de forma fraudulenta a artistas consagrados, como Camille Pissarro, Pablo Picasso, Rembrandt e Dora Maar. No mesmo local, havia materiais usados para imitar telas antigas, assinaturas dos artistas e carimbos de galerias hoje inoperantes.

O suspeito ainda não foi preso. Acredita-se que ele tenha usado plataformas online como Catawiki e eBay para divulgar seu material falso, enganando possíveis compradores com certificados de autenticidade convincentes, elaborados por ele mesmo.

A notícia da descoberta do laboratório clandestino foi rapidamente seguida pelo anúncio de um novo livro, lançado em março, que afirma que uma das principais obras do acervo da Galeria Nacional de Londres não é nada do que parece.

PublicidadeA artista e historiadora grega Euphrosyne Doxiadis é a autora do livro NG6461: The Fake National Gallery Rubens ("NG6461: O falso Rubens da Galeria Nacional", em tradução livre). Segundo ela, o quadro Sansão e Dalila foi produzido três séculos depois da data indicada pela galeria (1609-10) e seu valor é incalculavelmente menor do que acredita o museu.

Sansão e Dalila é uma grande pintura a óleo sobre ma-

Continuação: 5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima

deira, atribuída ao mestre flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640). O museu londrino adquiriu a obra em 1980 por 2,5 milhões de libras (cerca de R\$ 18,6 milhões, pelo câmbio atual). Na época, foi o segundo valor mais alto já pago por um quadro em um leilão.

A conclusão de Doxiadis confirma outra descoberta, feita em 2021, pela companhia Art Recognition. A empresa suíça determinou, utilizando inteligência artificial, que havia 91% de probabilidade que Sansão e Dalila fosse obra de outro artista, não de Rubens.

A avaliação da artista de que o trabalho com o pincel que observamos na pintura é grosseiro e totalmente inconsistente com o fluxo fluido das mãos do mestre flamengo é veementemente contestada pela Galeria Nacional, que defende sua atribuição.

"Sansão e Dalila é aceito há muito tempo, pelos estudiosos de Rubens, como uma obra-prima de Peter Paul Rubens", afirmou a galeria, em declaração fornecida à BBC.

"Pintada em óleo sobre um painel de madeira, pouco antes do seu retorno a Antuérpia [hoje, na Bélgica] em 1608 e demonstrando tudo o que o artista havia aprendido na Itália, esta é uma obra da mais alta qualidade estética. Um exame técnico do quadro foi apresentado em um artigo publicado no Boletim Técnico da Galeria Nacional em 1983. As conclusões permanecem válidas."

A divergência de opiniões entre os especialistas do museu e os que duvidam da autenticidade da obra abre um curioso espaço para refletir sobre interessantes questões sobre mérito e valor artístico.

Existe legitimidade na **falsificação**? As **falsificações** podem ser obras-primas?

Ferramentas de análise cada vez mais sofisticadas vêm sendo aplicadas às pinturas e desenhos cuja legitimidade é questionada há muito tempo. Eles incluem diversas obras atribuídas a Leonardo da Vinci

(1452-1519), como o fortemente questionado desenho em tinta e giz A Bela Princesa (1495-96). E também geraram debates sobre outras obras, que nunca tiveram sua validade colocada em dúvida antes.

Com isso, o debate sobre a integridade de ícones culturais, provavelmente, só irá aumentar.

A BBC reuniu cinco princípios práticos para se ter em mente ao observar as controvérsias futuras. São cinco regras básicas para identificar obras de arte falsas.

Regra 1: Os pigmentos nunca mentem Para falsificar obras de arte com sucesso, é preciso muito mais do que proficiência técnica e princípios éticos mal definidos.

Publicidade Não basta apenas se aproximar do pontilhado de tinta de Georges Seurat (1859-1891), por exemplo, ou dos expressivos e espessos redemoinhos de Vincent van Gogh (1853-1890). Você precisa conhecer história e química.

Pigmentos anacrônicos irão denunciar você todo o tempo. Eles foram os responsáveis pela descoberta do falsificador de arte alemão Wolfgang Beltracchi e sua esposa Helene.

O casal ganhou milhões vendendo obras primas modernistas falsificadas, até que a inclusão descuidada de tinta pré-fabricada nas suas audaciosas paletas, em 2006, selou o seu destino.

O *modus operandi* de Beltracchi era criar "novas" obras de todos os pintores, de Max Ernst até André Derain, e não recriar as pinturas perdidas. Ele sempre teve o cuidado de misturar suas próprias tintas, para garantir que elas contivessem apenas ingredientes existentes na época do artista que ele pretendia imitar.

Ele só escorregou uma vez - e foi o suficiente.

Continuação: 5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima

Beltracchi tentava produzir um cenário vermelho deformado com cavalos recortados, no estilo do movimento artístico alemão Der Blaue Reiter. Ele atribuiria a obra ao pintor expressionista alemão Heinrich Campendonk (1889-1957).

Para isso, o falsificador usou um tubo de tinta pronta, que ele não percebeu que continha traços de branco de titânio - um pigmento relativamente novo, ao qual Campendonk não teria tido acesso. Era tudo o que os pesquisadores precisavam para comprovar a falsidade do trabalho - que havia sido vendido por 2,8 milhões de euros (cerca de R\$ 17,5 milhões).

Beltracchi teve pouca sorte. O intervalo entre a disponibilidade do branco de titânio e seu possível uso por Campendonk era de apenas alguns anos. Mas, às vezes, este período de tempo é surpreendentemente longo.

A análise de um retrato de São Jerônimo, antes atribuído ao mestre italiano Parmigianino (1503-1540) e vendido pela casa de leilões Sotheby's em 2012 por US\$ 842.500 (cerca de R\$ 4,86 milhões), demonstrou a existência em toda a obra do pigmento sintético verde de ftalocianina, inventado em 1935 - quatro séculos depois do pintor renascentista do século 16.

Os artistas podem ser visionários, mas não viajam no tempo.

Regra 2: Tenha presente o passado. É estimulante acreditar que os valores de uma pessoa não estão presos ao passado. Exceto quando o assunto é arte.

Uma pintura, escultura ou desenho sem uma forte história, infelizmente, não desperta mais inspiração devido à sua falta de bagagem. Ela se torna suspeita ou, pelo menos, deveria.

Muito frequentemente, a ganância pode interferir na clareza de visão para determinar a autenticidade de uma pintura ou escultura. Nestes casos, as obras têm

a história que nós queremos que elas tenham.

Este certamente foi o caso de uma sucessão de falsas obras de Vermeer (1632-1675), originadas do ateliê de um retratista holandês chamado Han van Meegeren (1889-1947) - um dos mais produtivos e bem sucedidos falsificadores do século 20. Entre as obras, havia uma ilustração de Cristo e os Homens em Emaús.

Publicidade Os colecionadores ficaram desesperados. Eles queriam acreditar que aquelas telas miraculosamente surgidas pudessem realmente ser obras-primas perdidas das mesmas mãos que criaram A Leiteira e a Moça com Brinco de Pérola.

Isso fez com que todos ficassem cegos para a evidente ausência de qualquer indicação sobre a origem das pinturas, como seu dono anterior, histórico de exposições e comprovação de vendas. Todos foram iludidos.

Ao autenticar a pintura na revista de arte Burlington, um especialista insistiu que "em nenhuma outra pintura do grande Mestre de Delfos [na Holanda], encontramos tanto sentimento, uma compreensão tão profunda da história da Bíblia - um sentimento humano expresso de maneira tão nobre pelo meio da mais fina arte".

Mas era tudo mentira.

Em uma reviravolta surpreendente da história, Van Meegeren acabou confessando a fraude, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As autoridades holandesas o haviam acusado de vender um Vermeer - considerado tesouro nacional - para o oficial nazista Hermann Göring (1893-1946).

Para comprovar sua inocência (se é que pode ser chamada assim), ele precisou demonstrar que havia vendido apenas uma cópia sem valor forjada por ele mesmo, não um quadro real do Velho Mestre. Para isso, Van Meegeren realizou o feito extraordinário de

Continuação: 5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima

criar uma obra-prima totalmente nova, a partir do nada, perante os olhos atônitos dos especialistas.

Mais recentemente, em 2017, um episódio do popular programa de artes da BBC Fake or Fortune? ("Falso ou fortuna?", em português) levou ao ar um antigo pressentimento do apresentador e comerciante de arte Philip Mould.

Mould acreditava que um quadro que ele vendeu, certa vez, por 35 mil libras (cerca de R\$ 260,7 mil), na verdade, poderia ser um original com valor incalculável do artista romântico inglês John Constable (1776-1837) - uma versão alternativa e, até então, não documentada da obra-prima A Carroça de Feno (1821).

Mould e a coapresentadora do programa, Fiona Bruce, escavaram registros financeiros arquivados há muito tempo e, surpreendentemente, confirmaram o pressentimento do apresentador.

A equipe do programa rastreou a propriedade da pintura até uma venda feita pelo filho do artista. Com isso, eles recalcularam o verdadeiro valor da tela em 2 milhões de libras (cerca de R\$ 14,9 milhões).

Ou seja, certamente vale a pena vasculhar certos itens do passado.

Regra 3: Olhe com atenção Os gestos dos artistas - suas pinceladas e desenhos, simultaneamente bem estudados e instintivos - são nada menos do que suas impressões digitais nas telas e folhas de papel.

Publicidade A leveza de toque de um artista e a força do impacto de outro são extremamente difíceis de se falsificar, especialmente se você tiver consciência de que cada contorção do seu pincel e cada traço do seu lápis serão analisados por olhos desconfiados e equipamento de última geração.

É difícil manter pressão sob pressão - um obstáculo que o falsificador britânico Eric Hebborn

(1934-1996) superou com álcool.

Hebborn morreu em Roma sob circunstâncias suspeitas, depois de ter falsificado mais de 1 mil obras atribuídas a diversos artistas, como Andrea Mantegna, Giovanni Tiepolo, Nicolas Poussin e Giovanni Piranesi.

Consta que o remédio preferido de Hebborn para acalmar seus nervos à flor da pele era o conhaque. A bebida permitia que ele incorporasse, sem a menor inibição, a mente e os músculos de qualquer mestre antigo que ele quisesse canalizar.

Enquanto as **falsificações** de Beltracchi e Van Meegeren foram descobertas por inspeções cuidadosas, por serem repletas de gestos incoerentes, a fluidez dos desenhos falsificados pelo embriagado Hebborn durante seu apogeu, nos anos 1970 e 1980, continua a confundir os especialistas até hoje.

Algumas instituições que mantêm a guarda dos trabalhos que passaram pelas suas mãos ainda se recusam a aceitar que todos sejam falsos. É o caso do Museu Metropolitano de Arte de Nova York, nos Estados Unidos, que segue defendendo que o desenho Templos de Vênus e Diana em Baia Vistos do Sul, feito a tinta e caneta, é realmente do círculo do pintor flamengo Jan Brueghel, o Velho (1568-1625).

Regra 4: Vá a fundo Quando a análise dos pigmentos, proveniência e pressão do pincel ainda deixar você em dúvida, pode ser necessário ir um pouco mais a fundo.

Por 20 anos, desde os anos 1990, diferentes especialistas confirmaram e rejeitaram a autenticidade de uma natureza-morta supostamente criada por Vincent van Gogh.

Para alguns deles, os vermelhos berrantes e azuis-marinhos estranhamente refletidos do buquê de rosas, margaridas e flores silvestres não têm aparência real e parecem discordantes da paleta do pintor. E a au-

Continuação: 5 formas de identificar a falsificação de uma obra-prima

sência de registros de propriedade da pintura agravava a situação.

Mas um raio X realizado em 2012 respondeu aos questionamentos. O exame revelou que o artista, para economizar, reutilizou uma tela sobre a qual havia criado outra imagem completamente diferente, à qual ele faz referência explícita em uma carta de janeiro de 1886.

Na carta, van Gogh relatou ao seu irmão Theo: "Esta semana, pinte algo grande com dois torsos nus - dois lutadores... e realmente gostei de fazer aquilo."

Como se previsse, profeticamente, a disputa futura entre os acadêmicos sobre a autenticidade da obra, a imagem estática da contenda entre os dois atletas, oculta sob a tinta por mais de um século, resgatou a pintura das acusações injustas de falta de legitimidade.

PublicidadeE ainda criou uma espécie de pintura composta, uma compressão vívida - um quadro congelado de uma mente incessante lutando contra si própria, desesperada para sobreviver.

Regra 5: As revelações estão nos pequenos detalhesComo última defesa antes de autenticar uma obra de arte, revise os detalhes.

Esta simples medida teria feito o colecionador Pierre Lagrange economizar US\$ 17 milhões (cerca de R\$ 98 milhões) em 2007. Foi o preço que ele pagou pela convincente **falsificação** de uma pequena pintura de 30x46 cm, falsamente atribuída ao expressionista abstrato americano Jackson Pollock (1912-1956).

Famoso pelo seu estilo característico, Pollock tem uma assinatura surpreendentemente legível, um inconfundível "c" antes do "k" final. A omissão de uma simples consoante faria mais do que expor uma simples **falsificação** - ela destruiria toda a reputação da galeria.

A falta de cuidado na assinatura foi apenas um dos vários sinais que passaram despercebidos em obras falsamente atribuídas a Mark Rothko, Willem de Kooning, Robert Motherwell e outros artistas, que foram vendidas por US\$ 80 milhões (cerca de R\$ 461 milhões), pela galeria Knoedler & Co. - uma das mais antigas e estimadas instituições de arte de Nova York.

As obras fraudulentas foram fornecidas por um negociante duvidoso, que declarou terem vindo de um enigmático colecionador, o "Sr. X".

A galeria fechou as portas depois de 165 anos, pouco antes que o escândalo surgisse na imprensa. O suspeito pela **falsificação** era um septuagenário chinês autodidata chamado Pei-Shen Qian, que havia trabalhado no ateliê de um falsificador no Queens, em Nova York. Ele desapareceu e ressurgiu posteriormente na China.

Leia a versão original desta reportagem (em inglês) no site BBC Culture.

Meta é denunciada pelo uso de milhões de livros sem permissão para treinar inteligência artificial



Editores e escritores protestam contra o uso de obras de autores em inglês e espanhol, entre os quais Borges, Cortázar e Guillermo Martínez

Após a comprovação de que a Meta - com a aparente aprovação de Mark Zuckerberg, segundo documentos internos da empresa - utilizou, sem permissão, milhões de livros e artigos da plataforma Library Genesis (Biblioteca Génesis, ou LibGen) para treinar seu modelo de inteligência artificial generativa (Llama 3), a revista americana "The Atlantic" criou um buscador que permite identificar os livros da "biblioteca pirata" em vários idiomas. Há títulos, em inglês e em espanhol, de Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Silvina Ocampo, Leopoldo Brizuela, Claudia Piñeiro e Guillermo Martínez, entre outros autores argentinos.

A Meta não compensou financeiramente nenhum dos escritores e editores afetados: no LibGen, estão disponíveis cerca de 7,5 milhões de livros e mais de 80 milhões de artigos acadêmicos. As indústrias criativas começam a rejeitar os métodos de apropriação das empresas de tecnologia.

Com a sanção, em 2024, da Lei de Inteligência Artificial da União Europeia, válida para os 27 países do bloco, editores e autores franceses anunciaram na semana passada que vão processar a Meta por utilizar suas obras sem autorização para treinar o modelo de

IA. A ação judicial por "uso massivo de obras protegidas por **direitos** autorais sem autorização" foi promovida por três entidades.

A maior parte dessa legislação - pioneira no mundo - começará a ser aplicada a partir de 2026, embora algumas disposições tenham entrado em vigor já em fevereiro. Entre elas, a obrigatoriedade de informar se um texto, uma música ou uma fotografia foram gerados por IA, além da garantia de que os dados utilizados para treinar os modelos respeitem os **direitos** autorais. A lei também permite que autores e editores optem por impedir o uso de seus materiais no treinamento de modelos de inteligência artificial.

A União Nacional de Editores da França afirmou, em comunicado, que "inúmeras obras" de seus associados aparecem na base de dados da Meta. Segundo Vincent Montagne, presidente da entidade, a empresa "violou os **direitos** autorais". A União Nacional de Autores e Compositores, que representa centenas de escritores, dramaturgos e compositores franceses, também declarou que a ação judicial é necessária para proteger os criadores do "saque" promovido pela inteligência artificial. A entidade ainda expressou preocupação com a proliferação de "livros falsos" - produzidos com IA - que "competem com livros reais".

Por sua vez, a Sociedade de Gente de Letras, também representativa dos autores, confirmou que ingressará com processo contra a Meta. Todos exigem a "eliminação total" das bases de dados criadas sem autorização para o treinamento do modelo de inteligência artificial.

De acordo com a Lei de Inteligência Artificial da União Europeia, os sistemas de IA generativa devem respeitar a legislação de **direitos** autorais do bloco e ser transparentes quanto ao material utilizado no treinamento.

Continuação: Meta é denunciada pelo uso de milhões de livros sem permissão para treinar inteligência artificial

Além da França, a Associação de Editores do Reino Unido e a Cambridge University Press também condenaram a Meta pelo uso de conteúdo protegido e afirmaram que a empresa "deveria pagar pelo conteúdo que roubou".

Na última quinta-feira (3), escritores realizaram um protesto em Londres, em frente às sedes da Meta, após a descoberta de que seus livros - pirateados via LibGen - foram usados no treinamento da IA da empresa. Autores de renome, como o Nobel de Literatura Kazuo Ishiguro, Tom Stoppard, Richard Osman, Sarah Waters, Kate Mosse e Val McDermid, assinaram uma carta da Sociedade de Autores dirigida à secretária de Cultura britânica, Lisa Nandy, exigindo proteção aos "meios de vida" dos autores e convocando executivos da Meta a prestarem esclarecimentos ao Parlamento britânico. A carta foi publicada na plataforma Change.org e, até agora, já recebeu mais de 16 mil assinaturas.

"O scraping [método de extração de dados] das obras dos autores para o treinamento de IA generativa é ilegal no Reino Unido", afirma o texto da petição. "No entanto, gigantes da tecnologia, como a Meta, operam no país sem que suas práticas ou as de suas empresas-mães sejam devidamente investigadas. Os autores estão praticamente indefesos, dado o altíssimo custo e a complexidade de litigar contra corporações com vastos recursos. Pedimos que a senhora [a secretária de Cultura do Reino Unido, Lisa Nandy] e o governo britânico tomem todas as medidas possíveis para garantir a proteção adequada dos direitos, interesses e meios de vida dos autores. Se nada for feito rapidamente, o impacto será catastrófico e irreversível para os autores do Reino Unido, cujos direitos têm sido sistematicamente ignorados", conclui o texto.

Durante a última edição da Feira do Livro de Londres, a presidente e CEO da Associação de Editores Americanos (AAP), Maria A. Pallante, e o diretor executivo da Associação de Editores do Reino Unido, Dan Conway, destacaram que a indústria editorial mundial começa a se conscientizar dos impactos da IA generativa sobre as políticas de **direitos** autorais.

Editoras e outras indústrias criativas afirmaram reiteradamente que as grandes empresas de tecnologia podem - e devem - pagar pelo conteúdo que utilizam, "assim como pagam pela eletricidade que consomem no curso normal de suas operações", segundo a AAP.

"É desanimador saber que a Meta recorreu à **pirataria** para reunir conteúdo para o desenvolvimento de sua inteligência artificial, incluindo livros e revistas de autores de Cambridge", afirma um comunicado da Cambridge University Press. "A Meta deveria pagar pelo conteúdo que roubou. É fundamental que governos e autoridades impeçam que as gigantes tecnológicas se apropriem do trabalho dos autores sem permissão. Isso reforça os riscos da falta de regulação e de legislação adequada sobre IA e **direitos** autorais", acrescenta.

"O avanço tecnológico é o caminho que leva àquela estranha sociedade futura. No entanto, à medida que seguimos por essa estrada, escritores e editoras estão sendo vítimas de um gigantesco saque - antes chamado de **pirataria**, mas que parece aceitável quando cometido pelas grandes empresas de tecnologia", refletiu em seu blog o editor argentino Guillermo Schavelzon.

'Chanel me processou pelo nome da minha loja', diz empresária do DF

NOTÍCIAS



A empresária Éricka Lobo, 33, de Brasília (DF), já trabalhava no varejo quando decidiu criar uma marca própria de roupas para vender peças femininas por meio de um site. Ela escolheu o nome de uma flor, a camélia. No entanto, meses após registrar a marca no **INPI** (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), veio a surpresa: a grife de luxo Chanel entrou com um processo contra o nome.

"Era a primeira vez que eu passava por todo o processo de criação de uma marca. Procurei nas redes, fiz uma busca no **INPI** e, junto com minha advogada, registrei a 'Camélia Brand'. Cerca de dois meses após o pedido, recebemos uma contestação", conta Lobo.

Ela foi avisada por e-mail de que havia ocorrido uma movimentação no processo e levou um susto: a Chanel alegava ter direito sobre o nome 'camélia' devido a uma coleção da marca que também é designada dessa forma.

O processo que recebemos tinha umas 60 páginas. Nele, eles explicavam que a camélia era um símbolo da marca de luxo há muitos anos. Eu sabia que a Chanel tinha essa ligação com a flor, encontrei isso nas minhas pesquisas, e por isso escolhi fazer tudo o mais diferente possível daquilo que eles criaram: logo, fonte, cor?, explica à reportagem.

@ericka.lobo Acho que ainda não contei pra vocês que estou sendo processada pela CHANEL?

? som original - Éricka A alegação da marca francesa era de que os consumidores poderiam confundir itens de luxo com os que seriam vendidos na loja de Lobo. "Fiquei chocada com uma marca desse porte se sentindo prejudicada pelo nome que escolhi para a minha", disse.

Sem aceitar a contestação, Lobo se opôs ao pedido da Chanel junto ao **INPI**. "No pedido, minha advogada explicou que 'camélia' é um elemento da natureza, algo que eles não podem se apropriar", conta. Já se passaram seis meses, e até agora a empresária não teve um retorno.

Sem uma resposta definitiva, Lobo precisou tirar seu site de vendas do ar, com medo de represálias.

Prática comum em grandes empresas O advogado civil com ênfase em **direito** autoral, Renzo Augusto Rinaldis Silva, explica que o que está acontecendo com Éricka não se trata de um processo judicial, mas sim de uma oposição ao registro de sua marca. O especialista afirma que a prática é comum.

"Grandes empresas possuem escritórios que realizam pesquisas nesses sites para identificar elementos, baseados em palavras-chave, que se assemelham às marcas registradas por eles. Quando encontram algo, apresentam uma oposição", explica Silva. A ideia é impedir que o **INPI** registre a marca.

A empresária brasileira e a marca Chanel têm públicos completamente distintos. No entanto, a empresa tem poder econômico e se vale dessa condição para desestimular pequenas empresas a usarem certos nomes. Isso é um excesso. Estamos falando de uma flor, um termo comum e de domínio público, afirma.

Na opinião dele, Éricka tem todo o direito de registrar

Continuação: 'Chanel me processou pelo nome da minha loja', diz empresária do DF

a marca.

Para o advogado Rodrigo Leal, especializado em propriedade intelectual, não se trata de uma perseguição da marca contra pequenos empreendedores, mas sim de um cruzamento de dados. O próprio **INPI** avisa a Chanel quando há um termo semelhante ao registrado por eles.

"A Chanel tem a marca 'camélia' registrada no **INPI** desde 2007 na categoria de vestuário, que é a mesma da Éricka. Por isso houve o pedido de oposição", explica.

O advogado realizou uma busca no site e descobriu que, recentemente, a marca se opôs ao registro do nome 'camélia' seis vezes. "Eles conseguiram derrubar

os registros em todos os casos, mas não dá para dizer que o mesmo acontecerá com a Éricka", observa o especialista.

A reportagem procurou a Chanel, mas até o momento não obteve retorno. O espaço segue aberto para manifestações.

As mais lidas agora Laxante natural para soltar intestino preso: veja como preparar a bebida Água com limão é boa para quê? Conheça os potentes benefícios para saúde Chá de banana com cravo e canela que emagrece rápido: confira receita

Índice remissivo de assuntos

Pirataria

3, 8

Direitos Autorais

8, 10

Marco regulatório | INPI

10